

OFERTA: TARZAN FORMATINHO!!!

Vendo seqüência completa do nº 1 ao 39 da revista "Tarzan" em formatinho, colorida, editada pela Ebal a partir de junho de 1976. Esta coleção teve 81 números no total, porém o material publicado na segunda metade da coleção foi de nível bem mais baixo, a maioria feita por artistas desconhecidos, muitas vezes não identificados.

Nos primeiros 39 números, esta coleção trouxe o seguinte material. O primeiro número deu seqüência às histórias de Tarzan produzidas pela DC, editadas por Joe Kubert. Esta história é a última desenhada por Kubert. Os números 2 e 3 continuam a seqüência original da DC mas já com desenhos de Rudy Florese. Do nº 4 ao 9, uma longa quadrinização do romance "Tarzan, o Destemido", com desenhos de Garcia Lopez e Florese. Do nº 10 ao 21, a Ebal decide republicar HQs de Jesse Marsh feitas para a editora Dell na década de 1950. A partir do nº 22 até o nº 33, a Ebal prefere publicar histórias inéditas de Tarzan. Infelizmente, pois estas histórias são de nível inferior, muitas nem produzidas nos EUA. No nº 34, a Ebal opta por republicar as HQs de Joe Kubert feitas para a DC e já publicadas em "Tarzan Especial" (2ª série/Coleção Lança de Ouro) entre dezembro de 1972 e maio de 1976. Começa pela primeira história inédita feita por Kubert publicada no nº 211 da revista original. A DC começou a publicar Tarzan a partir do nº 207, pois ela continuou a numeração da Gold Key, a editora que antes publicava Tarzan. Nos quatro primeiros números do "Tarzan" da DC saíram quadrinizações dos primeiros livros de Burroughs feitas por Kubert. No Brasil, a Ebal publicou estas histórias em forma de álbum. O nº 34 a 39 da edição brasileira corresponde aos nºs 211 a 216 da original da DC. Há aí quatro histórias originais de Kubert, em sua melhor fase, e também dois pastiches feitos por Kubert em cima de originais de Burne Hogarth e Hal Foster, já comentados por Luiz Antônio Sampaio na Seção de Cartas do "QI" 50. Infelizmente, a partir do nº 40, a Ebal voltou a publicar histórias inéditas.

Esta seqüência do nº 1 ao 39 que estou vendendo está na maioria em bom estado de conservação, com exceção dos nºs 12, 21 e 28, que estão em estado regular, e o nº 4, que está em estado ruim.

O preço da coleção é R\$ 100,00, porte incluído, o que corresponde a menos de R\$ 2,50 por exemplar.

A coleção será vendida ao primeiro que escrever manifestando interesse.

EDGARD GUIMARÃES

QUADRINHOS INDEPENDENTES Nº 54 JANEIRO/FEVEREIRO DE 2002

Editor: Edgard Guimarães
Rua Capitão Gomes, 168 - Brasópolis - MG - 37530-000.
Fone: (035) 3641-1372 (sábado e domingo).
Tiragem de 700 exemplares, impressão em off-set.

PREÇO DE CADA EXEMPLAR: R\$ 1,00
Para saber sua situação junto ao "QI", verifique na
etiqueta com seu nome, no envelope, a mensagem:
'QUITADO ATÉ:'.

ANÚNCIO NO "QI"

O anúncio para o "QI" deve vir pronto, e os preços são:

1 página (140x184mm):	R\$ 48,00
1/2 página (140x90mm):	R\$ 24,00
1/2 página (68x140mm):	R\$ 24,00
1/4 página (68x90mm):	R\$ 12,00
1/8 página (68x43mm):	R\$ 6,00
1/16 página (68x21mm):	R\$ 3,00

Este último formato corresponde a um pequeno classificado, somente com algumas linhas de texto.

EDITORIAL

Novamente consegui fazer mais um "QI" dentro de um curto período de tempo, e, assim, a periodicidade ficou mais ou menos em dia. Depois desse surto de "QI's" mensais, voltaremos à bimestralidade. Devido ao curto período entre este número e o anterior, novamente o número de edições divulgadas está menor.

Como novidade, um artigo de Worney sobre Coleções de Revistas de Quadrinhos, com algumas dicas para os colecionadores. Os leitores poderão complementar estas informações nas próximas Seções de Cartas.

Publico o quarto capítulo da série 'Mundo Feliz', onde algumas coisas são esclarecidas, e outras, obscurificadas.

No dia 23 de fevereiro haverá mais um Dia do Quadrinho Nacional, vejam os detalhes na penúltima página. O "QI" ganhou na categoria 'Melhor Fanzine', aproveite para agradecer a todos que votaram nele.

Boa Leitura!

EDGARD GUIMARÃES

CONSERVE SUA COLEÇÃO DE QUADRINHOS

Quem tem, cuida! Se isso vale para o amor, pode valer também para sua *querida* coleção de quadrinhos. A grande maioria começa a ler quadrinhos na pré ou na adolescência e corresponde a necessidade humana de ficção e de fantasia. Os quadrinhos sempre foram a porta para o mundo da leitura, dos livros, da literatura e do conhecimento. Os quadrinhos também estimulam o aprendizado e a própria alfabetização, quando bem utilizados. Com o amadurecimento, a grande maioria dos leitores abandona seus gibis, o primeiro emprego, os namoros, o 2º grau e até a faculdade tomam o espaço da leitura dos quadrinhos. Na cultura de massas os quadrinhos são encarados como produto infantil e a maioria dos leitores juvenis associa seu amadurecimento ao afastamento de ambientes e situações que possam parecer “coisa de criança”. Assim as iniciadas coleções de variados títulos acabam em algum sebo, vendedor de feira ou mesmo no lixo!

O consumo de quadrinhos no Brasil e sua conservação têm uma longa história, vamos tentar mostrar suas diferentes fases.

QUEM SÃO OS LEITORES

Se os quadrinhos sempre foram considerados leitura infantil, seu consumo também foi muito combatido e até proibido. Assim, de acordo com as mudanças culturais, os quadrinhos foram assimilados de maneira diferente pelos leitores e colecionadores. Nos famosos anos 1960 os quadrinhos começaram a ser estudados em universidades e adquiriram status na indústria cultural. Na década de 1990, virou “cult” ler quadrinhos e uma moda foi estabelecida. A tendência atual aponta para o envelhecimento dos leitores, ou seja, a diminuição sensível de novos leitores e a manutenção de uma parcela maior de “velhos” amantes.

DÉCADAS DE QUADRINHOS

Nossa rica história das histórias em quadrinhos tem muitas fases, autores e revistas, mas, principalmente, editoras. A vida das editoras é o que determina o mercado, as tendências, revela os artistas e escritores e aguçava o gosto dos leitores. Como toda a movimentação das editoras é cíclica e, às vezes, até episódica, os colecionadores vivem aos sabores dessas variações. Para melhor explicar isso, vamos separar nossa história e nossas coleções em décadas diferentes, num pequeno e rápido resumo.

DÉCADAS DE 1910 E 1920

Os primeiros vinte anos do século XX tiveram o reinado da lendária “O Tico Tico”. Criada em outubro de 1905, sobreviveu até o início dos anos 1960 em edições aperiódicas. Mas suas primeiras décadas foram gloriosas, tiragens astronômicas, grande atração para as crianças com contos, enigmas, concursos, ilustrações, passatempos e quadrinhos. Editada semanalmente pela editora “O Malho” teve mais de 2000 números e os famosos e bonitos almanques anuais. Praticamente não existem coleções inteiras do “Tico Tico”, nem o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, que tem uma coleção “giletada” (alguns cretinos resolveram levar para casa pedaços da coleção!), possui todos os exemplares. Produzidos com papel jornal, a ação do tempo e o pouco interesse do público da época não permitiram sua preservação. As crianças do início do século brincavam com os exemplares de “O Tico Tico”, recortando, pintando, escrevendo e, assim, inutilizando-os. Já os almanques impressos em papel de melhor qualidade, maior tamanho e capas cartonadas, são procurados até hoje.

DÉCADAS DE 1930

Nesse período, os quadrinhos americanos distribuídos de forma industrial invadiram o país. Eram publicados em formato tablóide (28 x 33 cm. aproximadamente) ou mesmo standard

(tamanho de um jornal diário), papel jornal (muitos nasceram como suplemento de jornais diários), semanalmente e algumas vezes três vezes por semana. A “Gazetinha”, “Suplemento Juvenil”, “Mirim” e “Globo Juvenil Trissemanal” introduziram os super-heróis, aventureiros, detetives e personagens de ficção científica, com histórias seriadas, uma página por número. Foi uma grande inovação, as crianças adoravam, principalmente porque as revistas eram muito baratas, coloridas e divertidas. Os suplementos eram “coisas de crianças”, tamanho desproporcional (muitos guardavam os volumes dobrados, ação que destruiu a parte central dos exemplares), papel jornal (na época da Segunda Guerra o papel era tão escuro que parecia de embrulho de pão) e com milhares de volumes (alguns chegaram a mais de 2.000 números!), tudo isso desestimulou os possíveis colecionadores. Na década de 1960 e 1970 muitos senhores resolveram recordar a infância e começaram a procurar esses volumes. Poucos conseguiram completar suas coleções, mas ainda existem muitos exemplares soltos à venda.

DÉCADAS DE 1940

As revistas em quadrinhos no formato magazine (21 x 27 cm. aproximadamente) e comic book (17 x 26 cm. aproximadamente) foram o grande achado do período. Publicando histórias completas e popularizando os super-heróis, as revistas até 1947 também eram uma reunião de dezenas de personagens. A partir daí surgiu o grande diferencial: a inauguração da Editora Brasil-América (a famosa EBAL) que trouxe o padrão americano de edição para o país (como Adolfo Aizen também já havia feito com os suplementos), com dezenas de revistas mensais de personagens principais (Super-Homem, Batman e outros), adaptações de clássicos literários e romances nacionais. A Rio Gráfica (antecessora da editora Globo) logo seguiu a tendência com “Gibi” e “Globo Juvenil Mensal”. As revistas tinham mais qualidade gráfica, cores e personagens novos. Eram mais fáceis de guardar e trocar. Começou a era dos colecionadores no Brasil.

DÉCADAS DE 1950

EBAL e Rio Gráfica imperavam nesse período, especialmente pelo gênero do faroeste. Eram centenas de revistas diferentes, mais ou menos do mesmo tamanho (comic book ou magazine), baratas e com muita novidade. Em São Paulo um novo e produtivo filão começa a ser explorado, são as histórias de ficção, aventura e de terror. A Gráfica Novo Mundo e depois a editora La Selva faziam centenas de revistas baratas, intrigantes e assustadoras. Em 1954, o material foi censurado nos EUA e os editores paulistas começaram a publicar os autores brasileiros. Foi uma grande renovação, tanto pela possibilidade profissional, como de estilo, desenho e aproximação com os temas nacionais. Mas havia campanhas da grande imprensa e da Igreja contra os quadrinhos. O lema mais difundido era: “Hoje mocinho, amanhã bandido!” fixados nos bondes da cidade de São Paulo. Muitas revistas foram literalmente queimadas em praça pública!

DÉCADAS DE 1960

Novos ventos, novos caminhos para os quadrinhos. Os super-heróis voltam com muita força (campanhas publicitárias e desenhos na TV) pela EBAL, os faroestes perdem espaço para a ficção científica e os primeiros underground são publicados pela revista “Grilo”. Grandes mudanças também nas universidades que começam a estudar os quadrinhos como forma de comunicação e até levar os quadrinhos para o famoso Museu de Arte – MASP, em 1970. Outro dado interessante é que os colecionadores agora começam a reunir suas revistas preferidas em casa, sem medo de repressão por parte de seus pais ou professores. E outros fãs de décadas passadas tomam coragem e começam a procurar suas

queridas recordações de juventude. Muitas revistas começam a ser lançadas em tamanhos diferentes e surge o famoso formatinho (13,5 x 19 cm. aproximadamente - cerca de metade do tamanho comic book) incentivada pela editora Abril com toda a linha Disney.

DÉCADA DE 1970

São os anos do formatinho, do crescimento vertiginoso da editora Abril e de seu parque gráfico, e do início do monopólio das décadas posteriores. Sairam centenas de títulos, especialmente de temática infantil: Donald, Mickey, Tio Patinhas, Almanaque Disney, Sítio do Pica-Pau Amarelo e Turma da Mônica. Até a tradicional EBAL se rendeu ao formato. Pelo lado dos colecionadores foram intensificados os intercâmbios pelo correio, com as famosas listas de preços, verdadeiros fanzines com listas de revistas à venda. Um dado industrial importante é que a partir do início dessa década os encalhes de revistas deixaram de ser vendidas pelo preço mais barato ou encartados em edições gigantes (arrancavam-se as capas originais e encadernavam-se num "almanaque"); eles viraram aparas para o reaproveitamento do papel. A consequência é que ficou mais difícil achar uma revista desse período do que um "Gibi" dos anos 40.

DÉCADA DE 1980

Esses anos foram dos super-heróis, da editora Abril, e de dezenas de revistas de autores nacionais e grandes sucessos como "Piratas do Tietê" e "Chiclete com Banana". As revistas voltam a esticar, os tamanhos magazine e comic book tomam de novo as bancas. Os quadrinhos viram "cult" com "O Cavaleiro das Trevas", uma moda passageira que aproximou uma parte de adultos que pouco liam quadrinhos. Essa situação também tirou a vergonha dos antigos leitores que voltaram a ler revistas, com outros olhos. Os colecionadores ganharam novos espaços e estímulos.

DÉCADA DE 1990

Diferente da década anterior, os quadrinhos viveram o monopólio da editora Abril, com boas incursões nos quadrinhos adultos da Editora Globo e outras menores. O mangá toma um espaço cada vez mais sólido. Os quadrinhos nacionais perdem terreno. E a quantidade de revistas nas bancas é cada vez menor, isso até facilitou a vida dos colecionadores, mas os preços não ajudaram. Atualmente as revistas em quadrinhos são encontradas em lojas especializadas e livrarias, com tiragens pequenas (entre 1000 e 5000 exemplares), edições melhor produzidas e uma grande briga para melhor distribuir. Mas sem perder a magia original.

COMO CONSERVAR

O bom colecionador teve ter em mente algumas regras básicas para conservar seus preciosos volumes:

1) Separe as coleções por título (de preferência em ordem decrescente), editora, edições especiais, almanaques e edições extras, tamanho (algumas revistas mudam de tamanho e número de páginas no decorrer dos anos).

2) Muitos não colecionam um título específico, mas um personagem (que pode ser publicado em várias revistas diferentes), um estilo de desenho ou roteiro e até um autor. Nesse caso, orientamos o agrupamento das revistas por ordem cronológica e de tamanho.

3) Reunindo cerca de 25 exemplares de um mesmo título, coloque-os num saco plástico de maneira alternada (capa frente capa) para ganhar espaço.

4) Os sacos plásticos servem para isolar as revistas da poeira, evitar a luminosidade (use plásticos opacos) e reunir as coleções.

5) De acordo com a origem, os grampos centrais devem ser retirados para melhor conservação. Por exemplo, os grampos das revistas em formatinho da EBAL lançadas na década de 1970 e início dos anos 1980 são de péssima qualidade e enferrujavam alguns meses depois da compra. Destroem o papel rapidamente. Devem ser retirados. Não se aconselha colocar novos grampos no lugar. Verifique periodicamente a situação de seus grampos.

6) Guarde suas coleções deitadas (evita orelhas e dobras), de preferência em estantes de aço (a madeira pode trazer cupins e outros insetos ávidos pelo amido de suas revistas). Não acumule muitos pacotes em cima de outros para não amassar as revistas. Não guarde brindes, suplementos de outros tamanhos e outros volumes junto da coleção principal, pode até raspar algum exemplar. Revistas da mesma coleção, mas de outros tamanhos, podem ficar no mesmo espaço na estante, mas não podem estar no plástico, para evitar entortar os volumes maiores. Procure separar sua estante por editora, se puder faça uma pequena relação à parte (editora, título, número dos exemplares e edições especiais) e fixe na parede ou na própria estante. Não esqueça de chumbar a estante de aço na parede, você não percebe, mas revistas pesam bastante e podem desequilibrar sua estante.

7) Se você coleciona jornais, tablóides ou revistas em papel jornal é interessante empacotar os volumes em papel opaco.

8) Não encademe suas coleções, além de tirar o prazer de ler e folhear sua revista, na maioria das vezes os encadernadores destroem as revistas, refilando as páginas.

9) Para coleções muito antigas (década de 10, 20 e 30) talvez fosse recomendável a microfilmagem ou o escaneamento de suas páginas, para preservação histórica.

10) Faça a famosa lista de revistas que faltam para completar sua coleção, ande com ela no bolso, toda vez que for a livrarias ou sebos.

COMO COMPRAR

Se você compra as revistas na banca de jornais, quando for guardá-las passe uma flanela para retirar algum pó residual e coloque dentro de um saco plástico.

Se você compra revistas usadas para completar suas coleções, tome alguns cuidados:

1) Verifique se a revista tem todas as páginas, se não faltam pedaços, se não está riscada, manchada, amassada, com orelhas e se o grampo está em ordem. Evite as revistas que tem etiquetas na capa, ao tentar tirá-las pode danificá-las. De acordo com a idade e a dificuldade de se conseguir uma revista, você pode fazer algumas concessões, mas tente sempre um segundo fornecedor.

2) Acompanhe sua coleção preferida pelas bancas, sempre são lançados almanaques, edições especiais e extras, que podem passar despercebidos e depois ficam difíceis de achar.

3) Preste atenção nos famosos brindes (cartões-postais, suplementos, pôster, mini-volumes e outras coisas) que são distribuídos com as revistas. Geralmente têm grandes tiragens, desaparecem rapidamente e se tomam verdadeiras raridades poucos meses depois do lançamento.

4) Não compre coleções encadernadas, são mais caras, tiram o prazer da leitura e na maioria das vezes estão refiladas.

5) Com o passar do tempo os exemplares em circulação vão desaparecendo, se você coleciona revistas da década de 50 para trás, existe uma alternativa: a reprodução. Alguns comerciantes conseguem reproduzir a revista (de miolo em preto e branco) exatamente igual ao original e por um preço até mais barato!

6) É interessante você manter um intercâmbio com colecionadores de sua cidade e de outros estados, isso possibilita uma troca de informações e de revistas.

7) Finalmente, fique atento; avalie corretamente o valor pedido, muitas vezes você encontra preços mais acessíveis e justos.

Finalmente, considere uma coleção de revistas em quadrinhos como um gostoso e instrutivo hobby, que pode se tornar, com o passar do tempo, uma atividade profissional e talvez até comercial. Pense também no valor cultural de seus quadrinhos e no quanto eles estarão interferindo em sua formação social. Mas, principalmente, entenda que por trás dessas páginas existem dezenas de produtores e artistas e que os quadrinhos nunca foram "coisas de crianças".

WORNEY ALMEIDA SOUZA



E aí?... Vai
encarar
essa trip!!!



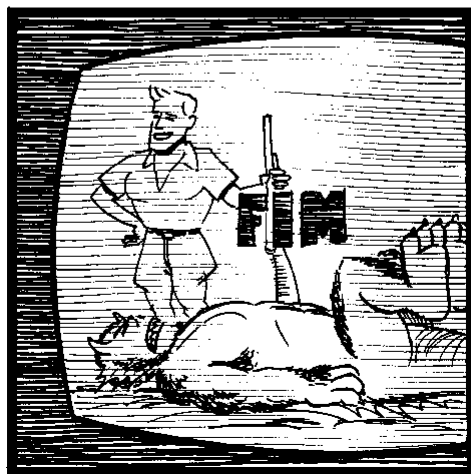
O Fanzine Voyeur está
procurando por: Desenhistas de Histórias em
Quadrinhos, Ilustradores, Roteiristas,
Cartunistas, Contistas e afins,
de ambos os sexos.

Visando uma melhor qualidade das nossas edições o Voyeur está reformulando seu projeto gráfico e procura por novos colaboradores. Os trabalhos podem seguir qualquer linha (exceto Erótico e ou pornográfico).
Enviem trabalhos para avaliação (xerox nítida em preto e branco) para o endereço abaixo:

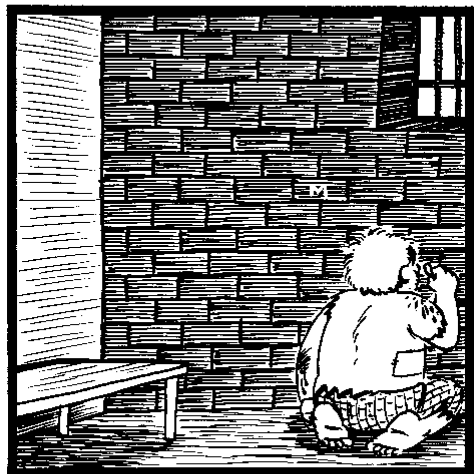
**Fanzine Voyeur - Caixa Postal 21613
Florianópolis - SC - Cep 88058-970**

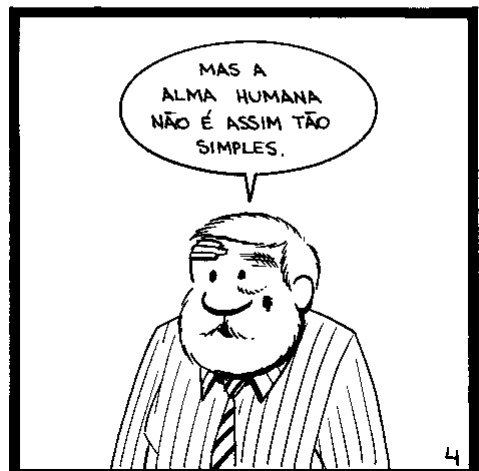
EDGARD GUTMARAE

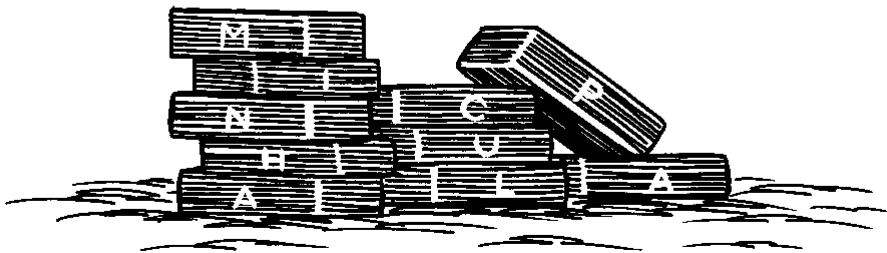
MUNDO FELIZ











SEÇÃO DE CARTAS

PATRÍCIA KOVACS
Editora Independente – Macaé – RJ

O negócio agora e daqui pra frente é pensar interneticamente. Daqui a 20 anos não haverá mais qualquer publicação de papel, só virtual. Manter um zine de papel é importante, mas isto tem que ser visto como ocasião especial. A internet traz todos os prós que jamais conseguiremos no papel. Sei que é difícil coroaos como nós, que passamos a vida inteira apalpando o que lemos, ter que ler direto na tela, mas para esta pirralhada aí já tá virando banal. É a chance de se atingir essa massa que jamais atingiríamos de outra maneira. O “QI” de papel não precisa acabar (e nem deve) mas ele merece que seus horizontes sejam ampliados. É necessário aproveitar todas as mídias possíveis, ainda mais uma onde se tem a verdadeira liberdade!

ALVIMAR PIRES DOS ANJOS
Quadrinhista e Editor Independente – Campinas – SP

Tava lendo o “QI” 53 e lembrei dos romanos já beira da floresta, o quebra-pau ocorrendo na aldeia do Asterix e eles pensando: “Ah, como é bom quando eles brigam entre si...” Quando vi aquela explicação sobre a arte do Calvo no nº 52, achei desnecessária, muito raramente havia possibilidade que alguém visse as duas publicações e citasse a coincidência. Então, entendendo o posicionamento do Rocco, até porque aquela foi a melhor história do Calvo... e aquilo deslustrou um pouco a apreciação. O Henrique citou minha carta e eu lembrei do Néelson Rodrigues quando diz que “toda unanimidade é burra”, ou algo assim. Aliás, outro dia vi o Henrique numa matéria do GloboNews, é curioso como a gente forma uma imagem de uma pessoa pelo nome e, depois, ela não bate com o real. Pareceu-me uma pessoa simpática discorrendo sobre a HQ da Paraíba. O Edgar Franco eu também imaginava outra figura, é muito parecido com o ator que fazia o aluno inteligente da escolinha da Globo. O único cuja mentalização encaixou com o real foi o Gazy Andraus, realmente o seu nome evoca a sua figura. No geral, os quadrinhistas e colecionadores são muito simpáticos, divertidos, o contato pessoal é sempre interessante.

EDISON FINKLER
Colecionador – Uruguaiana – RS

Há algum tempo tivemos uma polêmica a respeito do Quadrinho Nacional levantada pelo Worney e pelo Edgard. Agora que a poeira assentou, iniciemos outra: Coleção de Gibis, encadernar ou não? Eu não encadernei minha coleção, e mesmo aqueles que encadernam têm critérios diferentes. Gostaria que os leitores do “QI” se manifestassem a respeito.

Vou estender um pouco o tema, ao invés de tratar somente da questão da encadernação, generalizar para os cuidados que se deve ter com a preservação das coleções. E aproveito e coloco um texto do Worney para dar início às discussões.

ROBERTO GUEDES
Quadrinhista e Editor Independente – Diadema – SP

Quando a missiva de Márcio Costa defendendo Sonia Hirsch, lembrei-me com total desgosto das explicações de um certo editor, nas reuniões do Conclave, nos anos 1980, quando a Abril, além de mutilar as aventuras dos heróis Marvel e DC, remontava quadros, redesenhava personagens, e o pior, reinventava a cronologia dos personagens. Lembra da famosa “continuidade Abril”? Já lhe disse em outra ocasião, que desisti de acompanhar quadrinhos Marvel/DC pela Abril em 1991. Investi numa coleção americana e não me arrependi. Não tinha idéia do quanto estava perdendo.

JOSÉ CARLOS RIBEIRO
Editor Independente – Carlos Barbosa – RS

Interessante a abordagem da questão do plágio e da cópia. Existem algumas páginas na internet que publicam histórias inteiras de autores da década de 1940, amparados, segundo eles, pelo fato de após 50 anos elas se tornarem domínio público. Gostaria que abordasse o tema amparado pelos teus conhecimentos na área. Que tal uma relação de sites na internet sobre quadrinhos?

Tenho divulgado alguns sítios que tomo conhecimento e cujos autores pedem divulgação. Meus conhecimentos na área de direito são muito limitados, mas farei algumas considerações. Quando se fala em direito autoral, há dois tipos. O primeiro é o direito do autor ser reconhecido como o criador de determinada obra, é o Direito Moral. Este direito é intransferível, inalienável e não prescreve. Cervantes continua sendo o autor de D. Quixote e isto não pode ser mudado. Um detalhe interessante é que o Estado se obriga a garantir a integridade das obras, ou seja, uma editora não pode mudar o conteúdo de D. Quixote e publicá-lo. Por isso edições resumidas de D. Quixote devem deixar claro que não são a obra original de Cervantes, mas apenas baseadas nela. Outro direito é o Patrimonial ou de comercialização da obra, esta pode ser vendida e tudo só depende do que estipular o contrato. Este direito de comercialização, normalmente chamado de 'o direito autoral', tem prazo de validade. No Brasil, o Direito Patrimonial dura por toda a vida do autor e mais 70 anos após sua morte para seus herdeiros. Após este período, cai no domínio público, ou seja, qualquer um pode publicar a obra sem pagar 'o direito autoral', mas, repito, ninguém pode publicar a obra adulterada. Nos Estados Unidos, este prazo deve ser diferente, pois li que a Disney estava tentando pressionar o legislativo para mudar o prazo para não perder a exclusividade no uso do Mickey, criado em 1928, e que logo cairia no domínio público. Outra questão é a do uso sem autorização de obra que ainda não está no domínio público. A lei de direito autoral brasileira especifica bem que o detentor de um direito autoral patrimonial o detém apenas em relação às explorações comerciais da obra. Ou seja, quem deseja explorar comercialmente uma obra, deve obter a autorização de quem detém este direito e pagar por isso. Quando não há intenção de lucro, não há esta necessidade. Por isso, os fanzines podem republicar HQs e não há infração nisso. No Brasil, não sei se há jurisprudência, mas na Itália a Justiça deu sentença favorável às edições feitas por colecionadores, muitas delas com acabamento profissional. O assunto é polêmico e mesmo na literatura jurídica brasileira há divergências.

RODINÉRIO ROSA
Quadrinhista e Editor Independente – Porto Alegre – RS

Eu não sei os outros, eu gosto de HQ forte, pesada, que choque, que te faça pensar. O nº 1 do “Made in Quadrinhos” (que saiu em 1991!!!), o pessoal reclamou que a revista tava muito pra baixo. Mas que posso fazer, se os artistas expressam a realidade do que vêem? A primeira coisa que leio é a seção de cartas, artigos, HQs, e depois olho a mostra de fanzines. É bom ver que meu velho amigo e mentor de HQ, Shimamoto, tá firme no apoio ao “QI”.

JÚLIO SHIMAMOTO
Quadrinhista – Rio de Janeiro – RJ

Foi um início de ano promissor, com trabalho para entregar e já recebendo o seu belo “QI”, como sempre apresentando uma grande capa. “A Questão do Plágio” – soberba matéria! Eu sabia mais ou menos a diferença entre plágio e cópia, mas a sua matéria é definitivamente esclarecedora. Uma aula e tanto. “Seção de Cartas”, não conheço ninguém que não leia. De José Valcir, embora discorde de algumas ponderações, merece meus aplausos pelo otimismo, um artigo em falta no mercado de HQ.

MÁRCIO COSTA
Quadrinhista – Rio de Janeiro – RJ

O seu ensaio sobre a questão plágio/cópia foi o melhor momento do “QI” 53. E me botou para pensar. Para nós que vivenciamos o cinema, os quadrinhos, a literatura, realmente era ótimo sabermos melhor sobre o assunto, porque ele está presente em todas essas manifestações culturais. Pessoalmente, odeio plágios e cópias, seja a que pretexto for, mas compreendo perfeitamente que a criação é um elo numa longa corrente de influências. E o que é a influência? É quando algo que lemos ou assistimos passa a interferir em nossos atos futuros de criação. Estou certo? Essa corrente de influências não tem fim. Alex Raymond inspirava-se no ilustrador John Lagatta. Quantos herdeiros deixou, por sua vez, Alex Raymond? Incontáveis, muitos até famosos e também craques: Al Williamson, John Prentice, Fernando Dias da Silva. Olhe o português E.T. Coelho e verá um émulo de Hal Foster. Olhe o enorme grupo (Boris Vallejo, etc) que mimetiza o trabalho de Frank Frazetta, em estilo e temática. Frazetta inspirou-se em Howard Pyle. Benício é Lutz modernizado, e por sua vez deu partida a Carlos Chagas, Marchi. Carl Barks, o gênio dos quadrinhos Disney, inspirava-se também em Foster nas paisagens das aventuras do Tio Patinhas. Hoje, consagrado e celebrado, Vicar e muitos outros o imitam. O desenho de ‘Calvin e Haroldo’ é herdeiro direto de ‘Pogo’ de Walt Kelly. Ray Moore e Phil Davis inspiravam-se no Agente Secreto de Raymond. Jayme Cortez deu o rosto e o traço do Flash Gordon às capas dos gibis do herói televisivo Capitão 7. John Celardo tentava ser Burne Hogarth. Flavio Colin baseou seu estilo em Milton Caniff, e mais, a meu ver, em Frank Robbins. Walmir começou imitando John Cullen Murphy, até no jeito de assinar, até que se libertou. Lee Falk assistiu ao “Pirata Negro”, de Fairbanks, e criou o Fantasma. Sinatra começou imitando Bing Crosby, muitos depois imitaram Sinatra. A inesquecível Angela Maria começou imitando Dalva de Oliveira, e Roberto Carlos tentando ser um novo João Gilberto, que por sua vez tinha muito de Mário Reis. Nelson Gonçalves tentava ser Orlando Silva, que tentava ser Francisco Alves, que tentava ser Vicente Celestino, que tentava ser, talvez, Beniamino Gigli. Os Beatles começaram cantando rock igualzinho ao Chuck Berry e imitando os vocais dos Beach Boys. Woody Allen admira tanto Ingmar Bergman que imitou-o confessadamente em “Interiores”. Batman veio do Sombra e do Zorro. O Zorro veio do Pimpelina Escarlata, da Baronesa Orzcy, que, acho eu, foi quem inventou a ‘dupla identidade’, recurso ficcional que mais tarde se tornou lugar comum nos quadrinhos. Superman é uma compilação das qualidades dos deuses gregos mitológicos. Mickey tem a mesmíssima solução gráfica do Gato Félix. Tarzan veio do Mowgli de Kipling. Conan Doyle pegou todas – todas – as características do detetive Auguste Dupin, de Edgar Allan Poe, para criar o Sherlock Holmes, e sem esse não haveria Hercule Poirot. Ian Fleming gostava tanto das aventuras do detetive Bulldog Drummond que, baseado nele, criou James Bond. E o Dr. No é baseado no Fu-Manchu, é claro. A criação não passa de uma gigantesca corrente de encadeamentos. Já viu as maravilhosas pinturas nas cavernas pré-históricas? Em quem terão se baseado?

Márcio, a questão das influências, de estilo ou na criação de personagens, normalmente, é algo bem aceito, embora eu já tenha lido em artigo de jornal que um desenhista brasileiro era “um plagiador do estilo de Jim Lee”. A coisa começa a ficar melindrosa quando se começa a usar referências explícitas ao trabalho de outros, como por exemplo, o famoso caso das HQs do Falcão da Noite, feitas por Shelton Moldoff, com os desenhos decalcados em Raymond e Foster. Ai é que é preciso ter cuidado no julgamento. Quando será uma atitude ilícita ou quando a apropriação é criativa? Canini, o mais original dos desenhistas Disney, tem uma série de tiras humorísticas onde ele não faz os desenhos, simplesmente os recorta de antigas revistas de faoeste mudando os textos. Mas, sem dúvida, toda criação é uma grande corrente cujos elos vieram de outros. A obra original é aquela cujo número de referências é tão grande e tão bem misturadas que não seja possível identificar as fontes.

PAULO JOUBERT
Colecionador e Editor Independente – Santa Luzia – MG

A respeito das justificadas reclamações de Kildare Almeida e Eduardo Kowalewski sobre zineiros que não enviam seus fanzines após o pagamento, há outros pontos a serem analisados. Quando você não recebe retorno, pode ser que sua carta não tenha chegado ao destino pretendido por erro do carteiro. Se a carta foi entregue em endereço errado (coisa mais comum de ocorrer do que se imagina), fica-se na dependência da boa vontade daquele que a recebeu. Há também a possibilidade do dinheiro camuflado ser percebido, visivelmente ou pelo tato. Neste caso, a correspondência pode simplesmente desaparecer, ou chegar violada e sem a importância enviada. Aliás, o envio de dinheiro camuflado é muito arriscado. O vale postal é inviável. O mais seguro é fornecer o nº de uma conta bancária, principalmente em se tratando de valores mais altos.

EDGAR FRANCO
Quadrinhista e Editor Independente – Campinas – SP

Tenho acompanhado a discussão sobre a nova proposta para o “QI” e devo dizer que talvez o zine tenha esgotado as possibilidades da formatação anterior, sinto que você está meio enfadado com a tarefa classificatória (incluir nomes de todos os autores, capa, nº de páginas, formato, etc), isso exige tempo e disposição e como sei de suas outras atividades, acho que no momento está mais interessado em utilizar o seu tempo livre em atividades de criação e pesquisa (as novas HQs do Calvo e seus ‘papers’ para congressos). Já está na hora de outros zineiros assumirem esse papel, o informativo “Independente ou Morte” é um dos primeiros a despontar nesse papel. Por fim, acho que o “QI” acabou atando-lhe as mãos nos últimos anos, impedindo que você produzisse novos projetos com a envergadura do “Eco Lógico” e “Deus”. O “QI” foi muito importante, mas estou gostando da nova fase com mais HQs, talvez fosse o caso de mudar o nome, abrir mais espaço para HQs e artigos sobre quadrinhos, deixar a divulgação em segundo plano.

ALEXANDRE YUDENITSCH
Colecionador – São Paulo – SP

A “Operação Dick Ayers” parece que teve sucesso: eis as suas duas capas autografadas por ele. E, em paralelo, já enviei as duas do Valdir Dâmaso, que só agora vai ficar sabendo de toda a “conspiração”. Fiquei muito satisfeito de ter, assim, podido retribuir a um artista que me deu muitas alegrias nos anos 50 e 60. Foi uma boa surpresa a continuação de ‘Mundo Feliz’, que parece bem leninista (dois passos à frente, um para trás). Então, estamos diante de uma série (longa?) de ‘contos’ aparentemente sem ligação, mas que poderão mostrar que há ligações entre eles? Foi interessante seu artigo sobre “Revistas em Quadrinhos” (complementado pelo Sampaio). Só senti falta de uma análise maior, com proposta de explicação, do porquê das diversas situações descritas, séries em fascículos semanais têm sucesso na Europa, mas não nos EUA ou no Brasil, por exemplo.

Para situar o leitor, a “Operação Dick Ayers” foi o seguinte: Yudenitsch me encomendou que imprimisse dois álbuns, editados pelo Valdir Dâmaso, com o personagem Ghost Rider (Cavaleiro Fantasma ou Fantasma Vingador), desenhado por Dick Ayers na década de 50, e enviasse ao próprio Dick Ayers, nos EUA. Junto, enviei três capas extras para que ele autografasse e devolvesse. Uma das capas ficou, naturalmente, para o Yudenitsch, e as outras duas ele apresentou ao Valdir e a mim. Segundo escreveu ao Yudenitsch, Ayers gostou muito dos álbuns. Em relação a uma análise maior, no artigo “Revistas em Quadrinhos”, de fato não foi minha intenção, pois isto exigiria um estudo muito mais aprofundado, fora do meu alcance. Arrisco que muito do que não é feito por editores deve-se à mediocridade de seus editores. Sempre se falava que o leitor brasileiro não aceitava histórias em continuação, e que não compraria uma revista que continuasse no mês seguinte, mas aí veio a Marvel com suas HQs e o leitor aceitou e comprou. Um de seus maiores sucessos é justamente X-Men, um novêlido interminável.

GEDEONE MALAGOLA
Quadrinhista – Jundiá – SP

Meus parabéns pelo excelente artigo sobre Direitos Autorais, Plágio, etc. Deve-se notar que as leis mudam de país para país. O que é crime num não é no outro. Na Espanha, é proibido usar pseudônimos, o que concordo plenamente. Um amigo meu, o falecido Milton Júlio, traduziu e adaptou muitas obras clássicas editadas pela Terramarear. Houve problemas e ele provou que aquela Tradução e Adaptação era dele e não da Terramarear. Ficaram dois livros iguais na praça, cada um com uma tradução diferente. Não era plágio e nem cópia. Nos Estados Unidos, segundo me disseram, o direito autoral é renovado a cada 10 anos! Foi o caso dos seriados de cinema, que não foram renovados e é domínio público. Concordo que Capitão Marvel não é plágio de Superman, mas qual foi ou terá sido a interpretação da lei nas bandas de lá? Aqui, mesmo que o autor venda a obra, ela sempre será dele, o que não acontece lá.

As leis mudam de país para país mas há um básico proposto por convenções internacionais das quais a maioria dos países ocidentais é signatária. No que cabe a cada país legislar, realmente há diferenças profundas entre a Filosofia do Direito praticado nos EUA e no Brasil. Recentemente, tem havido uma querrela entre Neil Gaiman e Todd MacFarlane sobre os direitos de Miraclemen. Segundo Gaiman, para entrar na Justiça contra MacFarlane, iria desembolsar cerca de 1 milhão de dólares, mesmo que ganhasse. Ou seja, tem um direito mas na prática não pode exercê-lo. O caso de seu amigo está correto, o tradutor tem direito sobre sua tradução. Mesmo que traduza uma obra já sob domínio público, terá todos os direitos sobre a tradução durante o tempo previsto em lei. Aqui no Brasil, de fato, o autor não perde o Direito Moral sobre sua obra, mas pode vender ou ceder seu Direito Patrimonial e nunca mais receber um tostão por ela. Nos EUA, como disse, são muito mais mercantilistas e isto pode não ser assim. Mas a lei nem sempre é cumprida à risca. Veja os trabalhos feitos por fantasmas ou em estúdios como o de Maurício de Souza. A rigor, pela legislação brasileira, o fantasma é o detentor do Direito Moral da obra que produziu, pois este é inerente ao autor, não pode ser vendido. Mesmo que tenha feito um contrato onde cede definitivamente os direitos patrimoniais, deveria ter seu nome creditado à obra, pois foi de fato seu autor. Mesmo trabalhando com personagens criados por outros. O caso Superman x Capitão Marvel sempre me intrigou. Recentemente li na "Wizard" (março de 2001) o seguinte. A DC processou a Fawcett por plágio no início da década de 1940. Em 1948 a corte decidiu em favor da Fawcett simplesmente porque a DC não havia informado, de forma consistente, seus direitos, ou seja, não havia colocado em suas revistas aquele © que indica o copyright (direito de cópia). Ridículo. No Brasil, a legislação garante o direito do autor independente de qualquer artifício, não há necessidade de registro nem nada, basta o autor ter alguma prova de que a obra é realmente sua. Em 1951, a DC apelou e a batalha legal começou a levar a Fawcett, que era uma editora menor, à lona. Em 1953, com os quadrinhos não sendo mais um negócio tão lucrativo, a Fawcett desistiu e concordou em parar com a publicação e pagar 400 mil dólares à DC. Como vê, foi mais uma questão de poder econômico do que de direito de fato.

WALDYR VIANA DÔNIO
Quadrinhista – Maceió – AL

Prefiro o "QI" antes das mudanças, principalmente a parte das capas dos fanzines. Agora estão tão pequenas que quase não dá para ver direito as ilustrações. Insisto na ideia do "Fanzine Destaque da Edição" com direito a uma reprodução de capa maior e ilustrações, bem como texto explanativo.

Concordo que as capas ficaram muito pequenas, ainda estou pensando no assunto, mas é preciso levar em conta que muitas capas não dão mesmo boa redução. No momento, o destaque para algum fanzine só ocorrerá na forma de anúncio pago, onde o autor compra o espaço para divulgar melhor sua edição.

ELENILTON FREITAS
Roteirista e Editor Independente – Salvador – BA

Seria mais proveitoso se os fanétores informassem o preço de suas publicações. Não vale a pena entrar em contato com o fanétor para perguntar o preço e depois para adquirir o zine. Estive conversando com alguns donos de bancas e eles disseram que aceitam colocar à venda revistas independentes, desde que elas tenham qualidade. A qualidade deve estar principalmente nos desenhos e a revista deve "parecer" profissional. Se o objetivo é conquistar mais público, uma revista em formato regular, capa em cores, miolo em preto e branco, papel jornal (tipo "Conan", mas formato menor), e uma HQ legal, agradaria muito mais. No dia em que eu encontrar uma revista assim, produzida por um fanétor, eu mesmo vou colocá-la nas bancas em Salvador e tentar vendê-la.

CARLOS CARLO
Editor Independente – São Paulo – SP

Não entendo muito de HQ, mas me parece que você caprichou nessa última história do 'Mundo Feliz', o jeito como você conduz o olhar do leitor é muito impressionante, e através dele as outras duas histórias ganharam mais significados.

GILMAR LOPES CHAMIZO
Colecionador – São Paulo – SP

Gostaria de dar uma sugestão sobre a Seção de Cartas, pois uma de minhas fontes para conseguir endereços de novos colecionadores são estas seções, o amigo não poderia colocar o endereço dos correspondentes?

É uma ideia, vou aguardar a manifestação dos leitores a este respeito, e passarei a incluir os endereços se for o caso.

ANTÔNIO ARMANDO AMARO
Colecionador – São Paulo – SP

Você foi bastante infeliz no teu comentário 'O Que é Isso, Minha Gente?', o Luigi Rocco não merecia isso. Não vejo nenhum plágio do Rocco, ao contrário, ele fez um belo trabalho na 'Invasão dos Lagartos Terríveis'. Plágios e cópias, nós temos muitos 'especialistas'. Capitão ? é cópia do Super-Homem, Targo, cópia de Tarzan, Vingador, cópia do Zorro, Escorpião e Morcego, cópias do Fantasma, até o Jonah Hex teve uma cópia igualzinha ao original.

FRANCINILDO SENA
Roteirista e Editor Independente – Pau dos Ferros – RN

Algumas pessoas me escreveram perguntando por que cobro R\$ 2,70 pelos "Heróis Brazucas", enquanto você vende por R\$ 2,00. Uma xerox officio aqui custa R\$ 0,10. Atualmente estou fazendo o zine com 28 páginas. Um exemplar impresso fica por R\$ 1,40. Acrescento R\$ 0,95 pelo porte dos correios e R\$ 0,35 com envelope e outros gastos. No final o zine fica por R\$ 2,70. Se engana quem pensa que estou lucrando. Faço os zines apenas por amor aos quadrinhos. Ouvi dizer que em cidades maiores se consegue um xerox a R\$ 0,05, mas para imprimir fora eu teria que arcar com os custos de transporte e sairia mais caro.

Foi falha minha não ter colocado o mesmo preço seu, como fiz nos números anteriores, para evitar este tipo de aborrecimento. O cálculo que eu faço é bem parecido, o que deu um pouco de diferença é que, como o número de páginas tinha diminuído, eu achei que cairia na faixa de 50 g do porte, e computei R\$ 0,60 para o correio.

EDUARDO MANZANO
Quadrinhista e Editor Independente – São Paulo – SP

Sobre as "rediações" de HQs que persistem até hoje nas editoras, seria mais um motivo para priorizar as HQs nacionais.

OLHA O PRECONCEITO!

A ilustração abaixo saiu em um anúncio publicado na revista "Ciência Hoje" nº 176 de outubro de 2001, mas eu já tinha visto em números anteriores. O anúncio é da revista "Ciência Hoje das Crianças", dos mesmos editores. Estas revistas são de divulgação científica, publicadas por iniciativa da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). O anúncio perguntava em letras grandes: "SINCERIDADE: VOCÊ SABE O QUE O SEU FILHO ANDA LENDO?" E logo em seguida respondia que, se você não sabe, está na hora de assinar a revista "Ciência Hoje das Crianças". Depois dava mais informações sobre a revista, como assinar, etc.



A primeira reação foi de surpresa. Ainda existe gente disposta a associar revistas de quadrinhos com leitura de baixa qualidade? A mensagem do anúncio é clara, e não vem ao caso quais as duas revistas mostradas, pois não se está dirigindo especificamente a elas, mas aos quadrinhos em geral. Não se leva em consideração o largo uso dos quadrinhos para fins educacionais, tanto formal quanto informalmente, com publicações dos mais diversos tipos usando esta linguagem como meio de registro e transmissão de informações de cunho educativo. Por outro lado, dirige-se especificamente aos quadrinhos e não a outras "leituras" de baixo nível como os filmes, seriados e programas de TV, jogos e sítios na Internet. Aliás, poderiam até ter colocado como exemplo de leitura de baixa qualidade, ao invés da revista de quadrinhos, o próprio livro didático brasileiro, que, segundo reportagem na própria revista, está repleto de erros dos mais variados tipos, desde falhas de revisão até erros conceituais grosseiros.

A segunda reação foi de hilariedade, uma das boas piadas que vi recentemente. Ao olhar para as duas revistas mostradas, a primeira é um exemplar de "Koll, o Conquistador", da Editora Rovall, publicada, salvo engano, na década de 1970, com HQs de Kull, produzidas pela Marvel, e a segunda trata-se de "Ghost Manor", da qual nunca ouvi falar, sem dúvida uma revista norte-americana, de uma editora menor, e muito provavelmente também da década de 1970. Qual a piada? Ora, sinceramente, se seu filho anda lendo estas revistas, ele deve ter no mínimo uns 40 anos, já está na hora de largar do pé dele!

EDGARD GUIMARÃES

O melhor acervo em vídeos de Horror! Artigos, memorabilia, etc.



B Zine

Horror * Trash
Exploitation * Tv
Sci-Fi * Clássicos

<http://usuarios.unincor.br/bzine>

JÁ SAIU HERÓIS BRAZUCAS Nº 7



HQS de JUNA PIRATA por MICHELLE DOMIT, WATSON PORTELA e MOZART COUTO. NOVA de EMIR RIBEIRO, A série OS SUPER HERÓIS BRASILEIROS de ANTONIO L. RIBEIRO, Um texto de GEDEONE MALAQUA e a SEÇÃO DE CARTAS. - 28 Páginas A5.

PREÇO: 2,70.

PEDIDOS PARA:

FRANCINILDO SENA.

R: DES: HEMISTÉRIO FER-

NANDES, 231 - PAU DOS

FERROS - RN - 59900-000.

FONE: 0XX-84-351-5588.

Temos os Ns Atrasados

ENCICLOPÉDIA DE FANZINES

Envie sua biografia (em disquete ou datilografado, de preferência, ou via internet) + um zine (seu ou no qual publicou) + uma foto sua (podem ser cópias, desde que de boa qualidade).

AS BIOGRAFIAS DEVEM CONTER:

Nome (completo), data/local de nascimento, escolaridade e outros cursos, estado civil e filhos, profissão, começo c/ fanzine, quantos e quais publicou, se é argumentista ou desenhista, se tem personagens próprias, influências artísticas, em quais revistas publicou e outros assuntos que julgar importantes. **Divulgue entre os amigos!**

Enviar para JODIL: R. Cons. Furtado,
1108/29 - S. Paulo-SP - 01511-001
jodil@brfree.com.br ou jodil@bol.com.br
ou jody1@ig.com.br

EDIÇÕES INDEPENDENTES

Tipos de Formato: ofício (216x315mm) • ofício 2 (216x330mm) • A4 (210x297mm) • carta (216x279mm) • 1/2 of. (157x216mm) • 1/2 of. 2 (165x216mm) • A5 (149x210mm) • A6 (105x149mm)

As edições logo abaixo, sem endereço, podem ser pedidas com pagamento (cheque nominal ou vale postal) a **Edgard Guimarães**.

CAMPO DE BATALHA • HQ de *Fraucinildo Sena, Marcelo Salaza e Wagner Castilho, reunindo vários heróis brasileiros* • nº 4 • jan/2002 • 20 pág. • 165x216mm (1/2 of. 2) • R\$ 1,60 • **Fraucinildo Sena**.

HERÓIS BRAZUCAS • HQs de *Nova por Emir Ribeiro, e Juna por Michelle, Watson Portela e Mozart Couto, e textos de Antônio L. Ribeiro sobre super-heróis brasileiros* • nº 7 • jan/2002 • 28 pág. • 165x216mm (1/2 of. 2) • R\$ 2,70 • **Fraucinildo Sena**.

QUADRINHOS CLÁSSICOS

CASTELO DE RECORDAÇÕES • edição colorida com capas de "Fantasma" • nº 5 • dez/2001 • 4 pág. • 165x216mm (1/2 of. 2) • color. • **José Magnago** - R. Jerônimo Ribeiro, 117 - B. Amarelo - Cachoeiro de Itapemirim - ES - 29304-450.

COMIC CITY • textos e HQs sobre *Sally Forth, Joça Marvel, Black Canary, Dr. Niebla, e Ibis* • nº 36 • out/2001 • 50 pág. • 210x297mm (A4) • capa color. • R\$ 14,00 • **Cláudio Rubin** - C.P. 17350 - Curitiba - PR - 80240-992.

COMICTECA • textos sobre *Flash, Dreams of The Rarebit Fiend, heróis blindados, o super herói de Bernie Krigstein, etc* • nº 5 • dez/2001 • 4 pág. • 210x297mm (A4) • R\$ 2,00 • **Cláudio Rubin** - C.P. 17350 - Curitiba - PR - 80240-992.

SÉRIE REPRINTS • textos e HQs com *Sandman e Sandy*, por *Joe Simon e Jack Kirby*. HQs em inglês • nº 25 • jul/2001 • 60 pág. • 210x297mm (A4) • capa color. • R\$ 25,00 • **Cláudio Rubin** - C.P. 17350 - Curitiba - PR - 80240-992.

SÉRIE SEPARATAS • memória gráfica, com ilustrações de *Nelson Boeira Faedrich para o livro "A Terra dos Meninos Pelados"* • nº 92 • jan/2002 • 12 pág. • 150x210mm (A5) • **João Antônio B. de Almeida** - C.P. 1297 - Campinas - SP - 13001-970.

QUADRINHOS ATUAIS

ALGUMAS PALAVRAS • texto sobre a linha *Vertigo da DC* • nº 5 • nov/2001 • 10 pág. • 210x297mm (A4) • R\$ 1,00 • **Valdir de Oliveira** - R. Américo Sugai, 968 - V. Jacuí - São Miguel Paulista - São Paulo - SP - 08060-380.

ALL BASTARDS COMICS • HQ com o anti-herói *Mickey Malloney substituindo Papai Noel* • nº 0 • dez/2001 • 16 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 1,00 • **Tormentor Comics** - R. 17, nº 433, Conj. Costa e Silva - B. Raiz - Manaus - AM - 69068-450.

ALTER(FAN)NATIVO • HQs de *Laërçon, Henry Jaepelt, José Salles e Eduardo Manzano, Sidney, Paula Ueda, textos, divulgação, etc* • nº 14 • jul/2001 • 28 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 2,00 • **Pat Kovacs** - C.P. 119.210 - Macaé - RJ - 27901-970.

BOCA SUJA • HQs de *Laërçon, Marcelo, Cleuber, Felipe, Manzano, Jefferson, poemas, textos, entrevista* • nº 19 • jan/2002 • 24 pág. • 165x216mm (1/2 of. 2) • 2 selos 1º p. • **Laërçon Santos** - R. Maciel Aranha, 238 - São Paulo - SP - 08340-290.

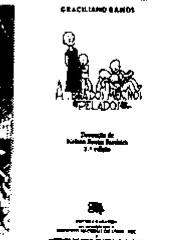
BOLINHO DE ARROZ • HQs de *Carlos Davi, Faberson, Eloy de Sousa* • nº 3 • nov/2001 • 16 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 1,00 - 1 selo 2º p. • **Lucas Faberson** - R. Benvidio Ribeiro, 74 - J. Partu - Almirante Tamandaré - PR - 83503-400.

BRAZILIAN ASSAULT • HQ com o herói *Mácula salvando Papai Noel, por Anderson Corrêa* • nº 0 • dez/2001 • 16 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 1,00 • **Tormentor Comics** - R. 17, nº 433, Conj. Costa e Silva - B. Raiz - Manaus - AM - 69068-450.

100 IDÉIAS • HQ de *Eduardo Kowalewski, textos sobre quadrinhos e diversos, poemas, etc* • nº 1 • jan/2002 • 24 pág. • 149x210mm (A5) • capa color. • R\$ 1,50 • **Cláudiovan Jânio** - R. Ibiapina, 2322, conj. Panatis II - Potengi - Natal - RN - 59108-350.

100% ZINE • catálogo com dezenas de fanzines expostos no *Festival Dia D ocorrido em julho em Vitória (ES)* • jul/2001 • 24 pág. • 105x150mm • **Saulo José** - R. Libra, 199 - Alvorada - Vila Velha - ES - 29117-240.

CINE HQ • textos sobre filmes sobre HQs (*X-Men, Asterix, Homens de Preto, etc*) • nº 22 • jan/2002 • 8 pág. • 165x216mm (1/2 of.) • 1 selo 1º p. • **Paulo Joubert** - R. João Luiz dos Santos, 28 E - Santa Luzia - MG - 33140-250.





COLERA • HQs de Ivan Veras e Michael Christian, Sidney, Oliver Lee, Eduardo Manzano • nº 2 • jan/2002 • 8 pág. • 165x216mm (1/2 of.2) • R\$ 1,00 + 2 selos 2º p. • Ivan Veras - R. 18 de janeiro, 47 - Pão de Açúcar - São Luís - MA - 65045-300.

CRÂNIO • HQ de Crânio, produção por Francinildo Sena e Gilberto Borba • nº 9 • jan/2002 • 12 pág. • 155x216mm (1/2 of.) • R\$ 1,30 • Francinildo Sena - R. Des. Hemetério Fernandes, 231 - Pau dos Ferros - RN - 59900-000.

DROPS • humor, ilustrações, cartuns de Lupin, HQ de Henfil, frases, etc • nº 16 • jan/2002 • 12 pág. • 105x100mm • Lupin - Al. Visconde do Rio Branco, 4149/203 - S. João do Tauape - Fortaleza - CE - 60055-172.

ELITE • HQ de aventura com os agentes da equipe Elite, produção de Edson Gonçalo • nº 1 • jan/2002 • 12 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 1,00 • Edson Gonçalo - R. Atimirim, 20 - J. Independência - São Paulo - SP - 03222-060.

ESCLEROSE • textos diversos, tiras de Gisele, cartuns de Celsinho, HQ de Eduardo Manzano, notas, etc. • nº 9 • jan/2002 • 12 pág. • 149x210mm (A5) • Celsinho - R. Heitor Calazans Moura, 48 - V. Nova Itapetininga - Itapetininga - SP - 18200-000.

EXCELSIOR! • HQs de Augusto Fick, Filipe Pires, Natália Forte, Muratori, Renato Oliveira, Rédi Roger, etc • nº 3 • dez/2001 • 44 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 1,00 • Diêgo Silveira - R. Monsenhor Catão, 1283/701 - Fortaleza - CE - 60175-000.

O FANZINE • Fanzine da Gibiteca de Santo André, com HQ de Wesley Mota, texto sobre Tarzan, notas sobre quadrinhos, dicas, etc • nº 1 • nov/2001 • 8 pág. • 148x210mm (A5) • Gibiteca de Santo André - Praça. IV Centenário, s/nº - Santo André - SP.

GAMA • HQ de aventura com Kenô, O Morcego, produção de Alcivan Gameleira • nº 3 • jan/2002 • 16 pág. • 149x210mm (A5) • Alcivan Gameleira - R. 25 de Março, 74 - Centro - Pau dos Ferros - RN - 59900-000.

GATÃO • HQs com o personagem Gatão e Pig, produção de Edson Gonçalo • nº 4 • jan/2002 • 12 pág. • 130x175mm • R\$ 1,00 • Edson Gonçalo - R. Atimirim, 20 - J. Independência - São Paulo - SP - 03222-060.

IAQ • textos sobre a editora Mythos, metralhadoras, Tex, O Vigilante, etc • nº 5 • jan/2002 • 16 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 1,00 + 1 selo 2º p. • Leonardo Campos - R. Frei Henrique de Coimbra, 66 - V. César - São José dos Campos - SP - 12211-280.

ILLUSTRATION • ilustrações e propaganda de outros zines no estilo mangá • nº 1 • jan/2002 • 32 pág. • 165x216mm (1/2 of. 2) • R\$ 2,50 • Andréia Cristina Saffier - R. Guilherme Klippel, 212 - B. Passo da Areia - Porto Alegre - RS - 91350-160.

LAGARTITITITOMAN • HQ com as aventuras do herói lagartixa • nº 1 • jan/2002 • 12 pág. • 150x175mm • Fernando Gregório Costa - R. Dr. Luiz Mighiano, 631, Bl. 02, ap. 174 - Portal do Morumbi - São Paulo - SP - 05711-000.

MINHA IMAGINAÇÃO • HQs no estilo mangá de Andréia, Axia Stowe, etc • nº 1 • jan/2002 • 40 pág. • 165x216mm (1/2 of. 2) • R\$ 2,50 • Andréia Cristina Saffier - R. Guilherme Klippel, 212 - B. Passo da Areia - Porto Alegre - RS - 91350-160.

MIUZINE • tiras da série 'Muudins', produção de Sidney de Carvalho • nº 7 • fev/2002 • 8 pág. • 105x149mm (A6) • Sidney de Carvalho - R. 23 de Março, 75-E - Tancredo Neves - Salvador - BA - 41207-030.

O MURO • informativo sobre os lançamentos de Denilson, e textos sobre assuntos diversos • nº 12 • dez/2001 • 8 pág. • 105x149mm (A6) • Denilson Reis - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

OFICINAS DE HQ • Fanzine com os trabalhos produzidos nas Oficinas de HQ ministradas por César Silva na Gibiteca de Santo André • dez/2001 • 28 pág. • 148x210mm (A5) • Gibiteca de Santo André - Pr. IV Centenário, s/nº - Santo André - SP.

PÁTRIA ARMADA • HQ de Rodisley Silva, estrelada por Wolverine • nº 2 • jan/2002 • 28 pág. • 140x190mm • capa color. • Rodisley Silva - R. Campos Vergueiro, 81 - Belmonte - Queimados - RJ - 26316-270.

PIOLHO DO PÚBIS • cartuns de Lupin a partir de frases de autores célebres • nº 2 • jan/2002 • 12 pág. • 105x100mm • Lupin - Al. Visconde do Rio Branco, 4149/203 - S. João do Tauape - Fortaleza - CE - 60055-172.

POEMAS VISUAIS • poemas e ilustrações de Watson, Malena, Cecília Fidelel, Saback • n° 0 • dez/2001 • 24 pág. • 210x297mm (A4) • R\$ 3,00 + selo 3° p. • **Watson Portela** - R. Dr. Metodio Maranhão, 96 - J. São Paulo - Recife - PE - 50910-430.

1° DO INFERNO • HQ sobre o confronto entre anjos, produzida por Edvânio e Brenda Cortez • n° 1 • jul/2001 • 24 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 1,00 • **Edvânio Pontes** - R. Demóstenes de Carvalho, 438 - B. Ellery - Fortaleza - CE - 60320-440.

RASCUNHO • seleção de artigos sobre HQs publicados em jornais e revistas • n° 1 • jan/2002 • 16 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 1,00 • **Sérgio Chaves** - R. João Bonadio, 560 - Vera Cruz - SP - 17560-000.

A REACÃO • HQ com temática poético-filosófica, produção de Edgar Franco • jan/2002 • 6 pág. • 100x210mm (1/3 A4) • **Edgar Franco** - R. Lusitana, 1537, ap. 72 - Campinas - SP - 13015-122.

O RITUAL • HQ de temática sado-masoquista, produção de Michael Costa • n° 1 • jan/2002 • 8 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 0,50 • **Michael Costa** - R. Olavo Andrade, 221 - Cachoeirinha - Belo Horizonte - MG - 31150-000.

SILENCE MAN • HQs com o anti-herói Silence Man, produções de Laércio, e André Pagnossim • n° 3 • jan/2002 • 16 pág. • 149x210mm (A5) • **André Pagnossim** - R. Marechal Deodoro, 1200 - São Carlos - SP - 13560-200.

STIGMA • HQ com o herói sobrenatural Stigma, produção de Thiago Souza • n° 0 • dez/2001 • 16 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 1,00 • **Tormentor Comics** - R. 17, n° 433, Conj. Costa e Silva - B. Raiz - Manaus - AM - 69068-450.

SUB DIRECTION • HQs de Tércio, Eduardo Manzano, tiras de Jefferson, divulgação de zines • n° 7 • jan/2002 • 20 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 0,60 • **Tércio Strutzel** - R. Barão do Bananal, 114/06 - São Paulo - SP - 05024-000.

SUI GENERIS • HQ humorística parodiando Zé Carioca, produção de Marcelo Rodrigues • n° 1 • jan/2002 • 8 pág. • 157x216mm (1/2 of.) • 2 selos 1° p. • **Marcelo Rodrigues** - R. dos Carpinteiros, 472 - Indústrias - João Pessoa - PB - 58083-050.

TCHÊ • HQs de Edgar Franco, Gazy, Marco Antônio, Luziel e Salaza, Kurty, Híris Lassorian • n° 28 • dez/2001 • 20 pág. • 157x216mm (1/2 of.) • R\$ 1,00 + 2 selos 1° p. • **Denilson Reis** - R. Gaspar Martins, 93 - Alvorada - RS - 94820-380.

TÚMULOS VAZIOS • HQ de terror com roteiro de Jodil e arte de Márcio Kurty • n° 5 • dez/2001 • 8 pág. • 149x210mm (A5) • R\$ 1,00 • **Joás Lima** - R. Conselheiro Furtado, 1108/29 - São Paulo - SP - 01511-001.

WARRIORS • HQ com o grupo de heróis Warriors, produção de Cristiano • n° 1 • jan/2002 • 24 pág. • 157x216mm (1/2 of.) • R\$ 2,00 • **Cristiano Ferreira da Silva** - Av. Afonso de Taunay, 705 - Barra da Tijuca - Rio de Janeiro - RJ - 22621-310.



FICÇÃO CIENTÍFICA E HORROR

ARGHHH • entrevista com quadrinhista espanhol Raiben, textos sobre filmes sobre drogas, cinema SM japonês, etc • n° 30 • nov/2001 • 40 pág. • 165x216mm (1/2 of. 2) • R\$ 3,00 • **Petter Baierstorf** - C.P. 67 - Palmitos - SC - 89887-000.

BRIEF NEWS 2000 • textos sobre Magnus de Russ Manning, Babylon 5, Star Trek, H.G. Well, etc • n° 4 (ano IV) • dez/2001 • 10 pág. • 210x297mm (A4) • **Alexis Bernardo de Lemos** - C.P. 19000 - Rio de Janeiro - RJ - 20220-970.

DESMODUS ROTUNDUS • especial sobre Vampiros, textos sobre Bela Lugosi, Drácula, etc • n° 12 • jan/2002 • 24 pág. • 165x216mm (1/2 of. 2) • **Edmilson Rodrigues Corrêa** - R. dos Colibris, 4 - V. Niwa - Rio Grande da Serra - SP - 09450-000.

JUVENATRIX • retrospectiva sobre o cinema Fantástico em 2000/2001, notícias, contos, ilustrações, etc • n° 58 • jan/2002 • 20 pág. • 210x297mm (A4) • R\$ 3,00 • **Renato Rosatti** - R. Irmão Ivo Bernardo, 40 - Veleiros - São Paulo - SP - 04773-070.

MEGALON • textos sobre FC em Portugal, contos, notícias, resenhas, ilustrações • n° 63 • dez/2001 • 40 pág. • 210x297mm (A4) • capa color. • R\$ 19,00 (ass. 4 n°s) • **Marcelo Simão Branco** - Av. Clara Mantelli, 110 - São Paulo - SP - 04771-180.



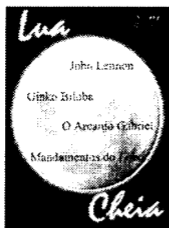
OUTROS ASSUNTOS

CATÁLOGO RED EMPIRE • catálogo com oferta de CDs, álbuns, fanzines, revistas de quadrinhos, etc • nº 3 • dez/2001 • 8 pág. • 105x150mm • Saulo José - R. Libra, 199 - Alvorada - Vila Velha - ES - 29117-240.

LIGHT • textos sobre sexo, política e cotidiano, fotos, ilustrações, poemas, tira de Cathy • jan/2002 • 32 pág. • 157x216mm (1/2 of.) • R\$ 2,00 • Johnny Smith - R. Pena Forte, 101 - J. Joamar - São Paulo - SP - 02318-260.

LUA CHEIA • textos, poemas, fotos, ilustrações, notícias, divulgações, etc • nº 1 • jan/2002 • 32 pág. • 115x155mm • color. • R\$ 2,00 • Amauri Dutra Vieira - C.P. 02034 - São Paulo - SP - 07061-970.

OS QUESTIONADORES DO ABSURDO • textos diversos, ilustrações, tiras de Lauro, fotos, etc • nº 3 • ago/2001 • 20 pág. • 160x216mm • Lincoln - R. Alvaro Chaves, 316 - Centro - Ijuí - RS - 98700-000.



RECADOS

José Alexandre Barros divulga seu novo endereço: R. José Sombra, 204 - P. Araxá - Fortaleza - CE - 60450-610.

A Biblioteca José Veríssimo pede doações de livros, jornais, revistas, CDs, fitas, etc. - Folha 27, Quadra 12, lote 24 - Nova Marabá - Marabá - PA - 68509-210.

Michèle Domit divulga na página do "Voyeur" na internet: www.voyeurzine.hpg.com.br.

Jean Patrick Sweyz procura contatos para obter informações sobre quadrinhos. - Av. Leonel Beirão Jesus, 948 - Morrinhos - Montes Claros - MG - 39400-455.

Kendi Sakamoto vende as coleções completas da Ebal: "Zorro" 2ª série 1 a 100; "Roy Rogers" nova série 1 a 19; "Tarzan" 2ª série 1 a 100. - C.P. 29228 - São Paulo - SP - 04561-990.

LISTAS DE VENDAS DE GIBIS

Alvimar Pires dos Anjos - R. S. Miguel Arcaño, 346 - J. N. Europa - Campinas - SP - 13040-680.

Antônio Luiz Ribeiro - C.P. 70020 (Ag. Gal Osório) - Rio de Janeiro - RJ - 22422-970 (2 selos 1º porte para o catálogo).

Nilson Silva - R. Gal. Newton Stilac Leal, nº 587 - Alto do Farol - Osasco - SP - 06190-170.

Roberto Guedes - R. Barão de Paranapiacaba, 119 - Diadema - SP - 09950-420.

SALÕES DE HUMOR

10º Salão Internacional de Desenho para Imprensa - Av. Érico Veríssimo, 307 - Porto Alegre - RS - 90160-181.

CLASSIFICADOS

CATÁLOGO DE REVISTAS

Complete sua coleção, mais de 1500 revistas à venda, raridades, itens imperdíveis, coleções estado de banca, preços acessíveis, edições dos anos 40 ao ano 2000. Peça relação através do e-mail: bidhar@ig.com.br ou "Catálogo Floss - Rua São Miguel Arcaño, 346 - Jd. N. Europa - 13040-680 Campinas - SP."

LITERATURA E POESIA

ACORDE PARA A VIDA • nº 2 • Johnny Smith - R. Pena Forte, 101 - J. Joamar - São Paulo - SP - 02318-260.

BOLETIM LITERÁRIO • nº 62 • Editora Komed - R. Álvares Machado, 460, 3º andar - Campinas - SP - 13013-070.

O CONTRA • nº 32 • José Bessa - Av. Eng. Sebastião Gualberto, 152 - J. Bela Vista - São José dos Campos - SP - 12209-320.

ECOS DA TABA • José Maria Rodrigues - C.P. 7063 - Rio de Janeiro - RJ - 20232-970.

INTERVALO • nº 18 • Francisco Filardi - C.P. 2452 - Rio de Janeiro - RJ - 20001-970.

JORNAL MARINGAENSE • nº 71 • Ricardo Silveira Fingolo - Av. Vital Brasil, 388 - Maringá - PR - 87035-220.

O JORNALZINHO • nº 134 • Araci Barreto da Costa - R. Faria Brito, 8/cob.02 - Rio de Janeiro - RJ - 20540-320.

LAGO DE LAGRIMAS • nº 2 • Alexandre Mapeli - R. Raimundo Ferreira Caboclo, 415 - São José do Rio Preto - SP - 15046-000.

LEIAMIGOS • nº 392 • Denise Teixeira Viana - C.P. 11052 - Rio de Janeiro - RJ - 20236-970 - www.leiamigos.cjb.net.

O LITERÁRIO • nº 425 • Osael de Carvalho - C.P. 8109 - Rio de Janeiro - RJ - 21032-970.

MOMENTOS • livro de poesias • Ziney Santos Moreira - R. Garibaldi, 1006/60 - Ribeirão Preto - SP - 14010-170.

NEW WORLD • Postfach 13 07 31 - Hamburg - 20107 - Alemanha.

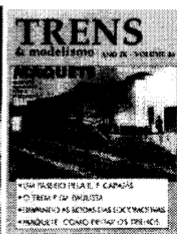
NOZARTE • nº 10 • Ricardo Alfaya - C.P. 62617 - Rio de Janeiro - RJ - 22252-970.

REVOADA DE CORVOS • nº 7 • Marcos T.R. Almeida - R. Ângelo Antônio Dian, 58 - J. Santa Lídia - Mauá - SP - 09310-620.

SOAÇÕES • nº 5 • Cássio de Aquino - R. Dr. Antônio Salles Camargo, 107 - V. Gumercindo - São Paulo - SP - 04137-050.

TRENS & MODELISMO • nº 38 • José Agenor Ferreira - C.P. 61 - Machado - MG - 37750-000.

A VOZ • nº 65 • Av. Dr. José Rufino, 3625 - Tejipió - Recife - PE - 50930-000.



18º Prêmio ANGELO AGOSTINI

O DIA DO QUADRINHO NACIONAL

REALIZAÇÃO:



APOIO:

Troféus ANGELO AGOSTINI produzidos pela



Show room e vendas:
R. Carlos Magalhães, 400, Morumbi, São Paulo (SP)
CEP 05735-030 - Fone/Fax: 0512-7807



Sabland Jôias Alternativas
<http://www.sabland.com.br>
e-mail: sabland@bol.com.br
Fones: (11) 0521-9910/0524-7262
R. Capitão Tago Luz, 138, Isale 20
Santo Amaro São Paulo (SP) cep 04781-010



18º Prêmio ANGELO AGOSTINI

O DIA DO QUADRINHO NACIONAL

O EVENTO SERÁ REALIZADO NO DIA 23 DE FEVEREIRO DE 2002, SÁBADO,
A PARTIR DAS 12,30 HORAS.

LOCAL: **COMIX SHOP BOOK**. ALAMEDA JAÚ, 1998, PRÓXIMO AO
METRÔ CONSOLAÇÃO, FONES: 3088-9116, 3061-3893.

OS MELHORES QUADRINHISTAS NACIONAIS DO ANO DE 2001, ELEITOS PELO VOTO DA CATEGORIA:

- MELHOR DESENHISTA: **FLÁVIO COLIN** (livro "Estórias Gerais" e revista "Fantasmagoriana")
MELHOR ROTEIRISTA: **WELLINGTON SRBEK** (livro "Estórias Gerais" e revistas "Fantasmagoriana" e "Quantum")
MELHOR LANÇAMENTO: **FABRICA DOS QUADRINHOS 2001** (Devir Editora)
MELHOR FANZINE: **QUADRINHOS INDEPENDENTES** (de Edgar Guimarães)
TROFÉU JAYME CORTEZ: **EDITORA OPERA GRAPHICA**

Nesse ano, quando nossa comemoração atinge a maioridade, teremos uma homenagem especial na categoria de **MESTRES DO QUADRINHO NACIONAL**, quando serão destacados 13 artistas:

ANTONIO CEDRAZ, CLAUDIO DE SOUZA, EDMUNDO RODRIGUES, IGNÁCIO JUSTO,
IONALDO CALVANCANTI, JOSÉ DELBÓ, LUIS SÁTIRO, LUIZ SAINDENBERG, LUSCAR, NANI,
OSVALDO TALO, RUBENS CORDEIRO E ZAÉ JÚNIOR.

A PROGRAMAÇÃO DO DIA DO QUADRINHO NACIONAL SERÁ A SEGUINTE:

- 12,30 hs. Exibição do desenho de longa metragem "O GRILHO FELIZ".
14,00 hs. Palestra com o animador e publicitário **WALBERCY RIBAS**.
15,00 hs. Abertura da exposição com os trabalhos dos premiados.
15,30 hs. Entrega do prêmio ANGELO AGOSTINI.

ENTENDENDO A LINGUAGEM DAS HQS EDGARD

A CAPACIDADE NARRATIVA INICIOU-SE NOS PRIMATAS ATRAVÉS DOS GESTOS, DA MÍMICA, OU SEJA, ATRAVÉS DE COMUNICAÇÃO VISUAL.



COM O APARECIMENTO DA FALA NOS PRIMATAS SUPERIORES, A CAPACIDADE NARRATIVA ATINGIU ALTA COMPLEXIDADE, JÁ DESENVOLVENDO, TALVEZ, A TOTALIDADE DOS RECURSOS USADOS PELAS FORMAS MODERNAS DE EXPRESSÃO ARTÍSTICA.



ASSIM, LITERATURA, CINEMA E HISTÓRIAS EM QUADRINHOS USAM TODOS OS RECURSOS JÁ PRESENTES NA NARRATIVA ORAL USADA HÁ MAIS DE UMA CENTENA DE MILHARES DE ANOS.



RECURSOS COMO TRAMAS PARALELAS, CORTES TEMPORAIS, ESPACIAIS, TEMÁTICOS, FIGURAS DE LINGUAGEM COMO METÁFORA, ONOMATOPÉIA, HIPÉRBOLE, ELIPSE, JÁ ESTÃO PRESENTES NA NARRATIVA ORAL.



NA HQ — E TAMBÉM NO CINEMA — A NARRATIVA SE DÁ EM DOIS NÍVEIS. O PRIMEIRO, MAIS FUNDAMENTAL, OCORRE NA PRÓPRIA SEQUÊNCIA DE IMAGENS PICTÓRICAS, NÃO ABSTRATAS.



O SEGUNDO NÍVEL NARRATIVO APARECE NA INCORPORAÇÃO DE TEXTOS ESCRITOS, QUE É A TRANSCRIÇÃO DA NARRATIVA ORAL, ATRAVÉS DOS BALÕES PARA OS DIÁLOGOS, E AS LEGENDAS.

